

Jade não gosta de mentiras

Lucas M. Carvalho

1

Confissão

Leopoldo saiu de seu pequeno apartamento nos subúrbios de Paris bem cedo. Aproveitou para caminhar algumas horas, almoçou nos arredores da Rua de Rivoli, a duas quadras do Louvre, consultou seu relógio de bolso duas ou três vezes. Era um inverno chuvoso, talvez com um princípio de neve rala, mas ele estava bem aquecido com seu sobretudo escuro, as luvas e o cachecol. Discreto e reservado, era apenas mais um na rua cheia de turista de e lojas de souvenir.

- Hoje é o dia. – disse, baforando contra as mãos. Depois, retirou um pequeno rato do bolso e colocou-o no chão – Você vai ter que se virar sozinho daqui pra frente, amigão. Não fique triste: os esgotos parisienses são uma beleza.

Às duas horas da tarde, dirigiu-se à *Pont de la Concorde*, atravessando-a até extremidade próxima ao magnífico Palácio Bourbon. Então sacou do bolso sua varinha e, num movimento rápido e único, acenou-a, girou o corpo em meia volta e sussurrou:

- *Occulta!*

De repente, a ponte que acabara de atravessar, sobre o Sena, já não dava na Praça da Concórdia. Tudo mudara. Ela agora se estendia numa rua mais ampla, mais escura, cercada por casarões, cheia de bruxos circulando com suas capas negras e chapéus pontudos. Duas estátuas altas de dríades gregas serviam como guardiãs, e o cumprimentaram na passagem.

Havia uma gravação encardida no chão da ponte, marcando o início da rua::

EMBUSCADE

Onde todos devem dormir com um olho aberto

- Senhor Leopoldo! – cumprimentou uma senhora idosa em frente a uma loja de poções. Em exposição, plantas e cogumelos recém-trazidos da Nova Zelândia, todos taxados como Artigos Não-Comerciáveis Classe B pelo Ministério da Magia francês.

- Mademoiselle Vanqueta.

- Gostaria de ver o que tenho aqui hoje? Seria uma honra ouvir comentários de um mestre de poções como o senhor.

- Bem que gostaria, mas estou com um pouco de pressa hoje.

- Oh, sim... – ela pareceu decepcionada – Quem sabe na volta?

Leopoldo sorriu, e após se afastar quinze passos, sussurrou para si mesmo:

- Não haverá volta hoje, Vanqueta...

Os casarões, em sua maioria erguidos no estilo neoclássico, eram ornamentados com gárgulas em todos os nichos, inclusive ao lado das portas. Havia gárgulas menores sobre os lampiões, como morcegos que pousaram de mau-jeito. Leopoldo sabia que eram estátuas parcialmente vivas, pois apesar dos corpos imóveis, os olhos espiavam animosamente. Tudo o que viam também podia ser visto pelo Padrinho, e assim se fazia o infalível sistema de vigilância do lugar.

Embuscade era o principal esconderijo da máfia bruxa francesa, e atualmente o ponto de encontro de mestres das artes das trevas de toda Europa. O acesso era restrito. Leopoldo levou quase cinco anos e precisou de três ou quatro identidades falsas para chegar ao ponto de circular livremente por seus salões e ter contato direto com os que chefiavam os esquemas de contrabando e milícia.

Ao cruzar com dois bruxos mercenários, vestindo suas tradicionais capas negras desfiadas, Leopoldo baixou a cabeça em reverência. O respeito à hierarquia era implacável; a rigidez do código de conduta, muito mais. Se um bruxo fosse aceito e depois se tornasse indesejado, era lançado no Poço, um enorme buraco em que acreditavam não haver fundo – e, por isso, o condenado cairia para sempre. Se algum bruxo de fora tivesse conhecimento da localidade de Emboscade, ele seria caçado e morto. Se alguém entrasse em Emboscade sem um convite da alta hierarquia e a confirmação do Padrinho, seria transformado em pedra e exposto na Galeria da Vergonha. Por fim, se alguém incomodasse o Padrinho de qualquer modo, seria emparedado na face de um de seus muitos casarões. Acredita-se que mais de cinquenta corpos estão presos nas paredes de Emboscade.

- Leopoldo! – gritou um homem pequeno e manco – Posso servi-lo de alguma forma hoje, meu senhor?

- Hoje não, Tirreno. Mas vou recomendar seu serviço para uns amigos. Você me ajudou muito.

- Grato, eternamente grato!

Leopoldo sorriu, mas se afastou com repulsa antes que o homem tocasse seu casaco. Tirreno era especialista em verificar a autenticidade de artefatos mágicos, talvez um dos melhores do mundo. Infelizmente, tinha a mania de se meter em assuntos que não lhe diziam respeito. Por isso, apareceu um dia parcialmente paralisado. Leopoldo acredita ter sido o resultado de insistentes sessões de tortura.

Quase no fim da rua, em frente ao Poço, havia um palacete que mais parecia um antiquário. Leopoldo precisou mostrar uma discreta tatuagem que trazia entre a orelha e a raiz do cabelo para entrar. Se Emboscade era um lugar restrito, o Casarão era muito mais. Dentro, meia dúzia de pessoas fumava cachimbos e conversavam em voz baixa. Uma escadaria levava ao segundo piso, que por sua vez era ainda mais restrito: a entrada era controlada por uma lista que atualmente se limitava a quinze cabeças. Leopoldo estava entre elas. Lá havia estantes de livros antigos ao redor de algumas poltronas, e mesinhas primorosamente trabalhadas em madeira. Leopoldo verificou a aparência num espelho oval: os longos cabelos loiros estavam bem penteados, o par de

brincos de esmeraldas cintilava junto ao verde dos olhos. A única coisa fora do lugar, mas que não seria um problema agora, eram as roupas de trouxa típicas de inverno.

A única poltrona ocupada tinha um homem grande com um turbante azul, que lia o *Le Alquimiste* e pareceu não notar sua chegada.

- Certamente não é de meu feitio atrapalhar a leitura de um *monsieur*. – disse Leopoldo – Mas sinto dizer que tenho algo de suma importância a tratar com Papa Giacomo.

O homem baixou o jornal e fitou-o de cima abaixo.

- Mestre Leopoldo.

- Meu nome. – esboçava um sorriso ambíguo.

- Não acredito que o Padrinho esteja disposto a vê-lo. Surpreende-me tal pedido vindo de alguém que teoricamente conhece nossos costumes.

- Aposto que até o fim de nossa conversa você terá mudado de ideia.

- Mestre Leopoldo, não é *elegante* insistir contra a política da casa. – o homem estalou a junta dos dedos em ameaça – Por favor, vá embora.

- Alguns minutos não são assim tão... custosos, são? O que eu tenho a fazer é uma... digamos... confissão. Meu nome não é Leopoldo. Na verdade Leopoldo, Frascine e Mestre Caldas são todos a mesma pessoa: eu, cujo nome de verdade não é nenhum desses e não importa. Fui convidado a entrar por meio de fraude. Jamais sabotei os negócios de Papa Giacomo, de modo algum, mas o roubei em mais de trinta mil galeões nos últimos sete anos. Um contato falso aqui, um cofre violado ali, contas de rendimento adulteradas...

O homem dobrou o jornal sem desgrudar os olhos de Leopoldo.

- E por que o senhor estaria tão ansioso para ser emparedado?

- Uma confissão, senhor. Quero falar diretamente com Papa Giacomo. Convenhamos que se eu dissesse isso em voz alta no meio da rua seria muito mais prejudicial à reputação de nosso Padrinho. Agradeça minha discrição. Tudo o que quero é conversar com ele por alguns minutos.

O homem ficou pensativo.

- Ganhei a aposta? – arriscou Leopoldo.

- *Expeliarmus!*

Num movimento rápido e com um clarão vermelho, a varinha foi arrancada do bolso de Leopoldo e arremessada para o outro lado da sala, contra o espelho, que se estilhaçou.

- Desnecessário, senhor, muito desnecessário! Era só pedir minha varinha que eu a teria entregue.

- Acompanhe-me, senhor sem-nome. O Padrinho desejará vê-lo. E não ouse pegar sua varinha do chão.

Atravessou a sala, e Leopoldo o seguiu calmamente. Subiram as escadarias para o terceiro andar, em que apenas a guarda pessoal de Papa Giacomo tinha permissão de entrar. Era uma espécie de depósito escuro, empoeirado, cheio de objetos enferrujados e livros rasgados. Figuras soturnas de antigos lordes das trevas espiavam de quadros apoiados nos cantos.

- Feche os olhos. – o homem ordenou.

- Ah, pare com isso. Como se eu não soubesse que a chave de portal para a casa do Padrinho é o caco de porcelana partido na quarta caixa da esquerda para a direita.

O homem não pôde conter o espanto.

- Pois bem. Tire as roupas, *todas*, e vista essa capa.

- Claro.

Após Leopoldo vestir-se, o bruxo utilizou uma série de contrafeitiços e de feitiços de verificação.

- Tudo certo, senhor sem-nome. O Padrinho aguarda-o.

Leopoldo respirou fundo e hesitou um instante.

- Papa Giacomo, estou chegando.

Abriu a caixa, segurou o objeto, e desapareceu rodopiando.

2

Remorsos e Dissimulações

Numa sensação nauseante, o espaço distorcendo-se ao redor, a chave de portal transportou-o violentamente a um ambiente externo. O cheiro das algas invadiu suas narinas, e ele ouviu o som das ondas se quebrando. A ilha era escura, pedregosa, envolta numa névoa eterna que escondia todo o entorno, de modo que nem o mar era visível. Leopoldo ainda segurava o caco de porcelana. Logo em frente, um enorme casarão, com degraus de pedra, janelas altas, e gárgulas nos telhados. Antes que Leopoldo tocasse a maçaneta, a porta se abriu sozinha. O ambiente interno era aquecido. O hall tinha duas escadarias que se encontravam para os corredores no nível superior, tochas dotadas de uma chama esverdeada, uma lareira, um tapete de pele de urso. Havia mais uma gárgula no corrimão da escada. Sentado numa das poltronas, fumando um charuto cuja fumaça formava o desenho de dragões que lutavam no ar até a dissolução, estava Giacomo. Era gordo, baixo, um bigode volumoso. Vestia um roupão e pantufas.

- Poucos homens são recebidos diretamente em minha casa. – disse ele, com forte sotaque italiano – Considere-se privilegiado.

- Oh, sim. – havia algo de deboche nos trejeitos de Leopoldo que já irritavam o Padrinho – Foi necessário recorrer a alguns métodos não ortodoxos de chamar a atenção, se é que me entende.

A porta atrás se fechou, e as janelas eram tão opacas que a única fonte de luz eram as chamas esverdeadas, que projetavam sua cor nas paredes de pedra. Leopoldo ficou um longo tempo parado, em silêncio, enquanto Papa Giacomo continuava brincando de criar formas dragonescas com a fumaça do charuto, e olhava fixamente para a lareira.

- Bom... posso me sentar, Papa? Tenho uma proposta para o senhor.

- Certamente não.

E com um movimento da varinha, fez com que os pés e as mãos de Leopoldo fossem envoltos em correntes. Ele foi derrubado, bateu a cabeça com força no chão, e seu corpo foi erguido, ficando pendurado de cabeça para baixo no meio do corredor, pelas correntes que se estendiam até o teto.

- Não sei que tipo de delírio o senhor sofre, mestre Leopoldo, a ponto de sonhar ter roubado algo de mim. Quero que responda algumas perguntas minhas antes de que seja finalmente devorado por Jade.

- Jade? Quem é Jade?

- Você vai descobrir.

Com outro movimento da varinha, as poltronas arrastaram-se para os cantos, o tapete enrolou-se, revelando um enorme alçapão trancado por um cadeado de ferro. Agora era possível ouvir um ronco grave e inconstante.

- Está quieta. Imagino que esteja dormindo...

- Sejamos, então, educados, e a deixemos desfrutar de seu sono. – disse Leopoldo, ainda contraíndo o rosto, por causa da dor da batida Seus longos cabelos loiros estavam estendidos – Afinal, temos um assunto de adulto a tratar, e eu não gostaria de importunar sua pobre criança...

- Muito bem, senhor Leopoldo. Explique-se. O que significa esse seu espetáculo?

- Ora, não é espetáculo. Apenas disse que roubei trinta mil galeões do senhor.

- A contagem de minha fortuna sempre esteve correta. Todos os meus juramentados prestam contas regularmente de seus trabalhos. Tenho como contadores os melhores duendes da Europa. Tenho dois cofres em Gringotes. Nunca houve oscilação.

- O senhor tem *quatro* cofres em Gringotes.

- Como sabe disso?

- Porque... – Leopoldo, imobilizado, esperou seu corpo girar para que estivesse novamente de frente – Porque eu estive em todos eles. Quatorze toneladas de ouro em

um. Seis toneladas de ouro no outro. Um baú com relíquias, rubis, esmeraldas no terceiro... Ovos cristalizados de monstros no quarto.

- Ora... Esteve *dentro* deles? Está dizendo que saqueou Gringotes?

- Não disse que saqueei, por favor. Entrei, olhei, e saí. Não é minha intenção roubar toda sua fortuna, Papa, entenda isso. Claro, para os meus gastos pessoais, que são reconhecidamente luxuosos, precisei desviar parte de seu lucro direto na fonte. Ficaria apavorado se soubesse quantos de seus homens leais... não são tão leais assim. E muitos dos que são, demonstram preocupante déficit de inteligência.

Papa Giacomo estava com o semblante fechado. Seu sentimento era externado pela fúria dos dragões de fumaça, que brigavam entre si e se despedaçavam uns aos outros com dentadas.

- Qual é o seu nome?

- Ken Lionheart. – respondeu, agora revelando, propositalmente, o sotaque.

- É inglês?

- Admiro sua capacidade de observação.

- O que você faz?

- Aventuro-me como um ladrão honesto de primeira classe.

Giacomo soltou lentamente a fumaça pelas narinas, formando dois dragonetes esguios que voaram para longe. Estava pensativo. O nome Lionheart não lhe era de todo estranho.

- Ainda não entendo que tipo de vantagem pensa ter ao se entregar desarmado para um homem que certamente o matará.

- Ora, não é suicídio. O senhor não vai me matar. Está intrigado demais para isso.

Um rugido pavoroso ecoou pela casa. O alçapão estremeceu.

- Parece que sua Jade acordou – disse Lionheart, tentando parecer tranquilo.

- Lionheart! Sim, agora me lembro. Faz tempo que não escuto esse nome... Aplicava golpes na Turquia e no Marrocos. Foi capturado por aurores, trazido ao Ministério da Magia britânico, que o conduziu a Azkaban. Mas isso faz tanto tempo...

- É uma honra sem tamanho que o Padrinho conheça parte de minha história. Fico deveras lisonjeado. É verdade que estive pelo oriente durante parte de minha carreira... Mas meus trabalhos mais, digamos, notáveis, foram feitos com diferentes identidades pela Espanha, Portugal, Noruega...

- Mas é nascido na Grã-Bretanha?

- De fato.

- Estudou em Hogwarts?

- Precisamente.

- Corvinal?

- Ora, se soubesse que sua habilidade de dedução era tão impressionante, teria mais receio em roubá-lo! Meus parabéns, Papa.

- Lionheart... Ora, não pode ser você. Não é possível fugir de Azkaban.

- Essa afirmação é questionável, pois já houve quem fugiu. Mas não eu. A verdade é que eu nunca estive lá. Digamos que alguém teve a infelicidade de ser confundido comigo.

Giacomo soltou uma risada seca.

- Você é hábil com as palavras, e sabe jogar com seu carisma. Mas está mentindo. Ninguém roubou um ciclo de prata de minha fortuna e permaneceu vivo.

- Entre os ladrões há o lema de que se a trapaça é evidente, ela não é trapaça.

- Então me mostre.

- Eu bem que gostaria, mas o senhor deve entender que ficar nessa posição é no mínimo *desagradável*. O sangue está vindo para a cabeça.

- Com essa finalidade as correntes foram conjuradas.

- Verdade. Bom, vou tentar explicar. Quando seus representantes iam buscar o pagamento nos estabelecimentos comerciais, que é uma fração do lucro líquido deles,

eu, que por acaso sou perito na falsificação de documentos e assinaturas, fazia um acordo com o dono do lugar. Era simples: eu superfaturava os gastos iniciais, de matéria prima, por exemplo, para maquiagem o lucro líquido. E o valor salvo dessa forma era dividido entre mim e o dono do estabelecimento. Para isso, contudo, eu precisava da lista de “devedores”, e precisei ter acesso ao primeiro andar da casa comum. Isso há dez anos.

- Absurdo! Meus duendes contadores perceberiam o superfaturamento!

- Não se você for dono dos fornecedores e puder controlar os preços.

- Então você...

- Sim. Abri estabelecimentos com preços absurdos, apesar de vender pelo preço justo para alguns seletos nomes.

- Mas isso... É extremamente improvável de dar certo!

- Estar aqui de cabeça para baixo sobre um alçapão com uma quimera também é improvável, Papa.

- Como sabe que a Jade é... Ora, ninguém tem dinheiro suficiente para abrir várias lojas por toda França! A não ser...

- O senhor. Lembra-se da última vez que seu cofre foi saqueado?

- Meus cofres jamais foram saqueados.

- Não minta, Papa.

- Ora, fala de meu antigo cofre pessoal na Córsega... Já faz quinze anos!

- Sim. Esvaziado. Ficaram cerca de cem moedas formando uma mensagem no chão. “Seus cofres não são seguros”. Estou mentindo?

- *Crucio!*

Quando a tortura cessou, Lionheart mal conseguia focalizar a vista. Seu corpo se movia como um pêndulo, e a saliva escorria da boca para o nariz e olhos. A quimera, talvez atijada pelos gritos, forçava o alçapão com golpes violentos.

- Digamos, mestre Lionheart, que isso seja verdade. – Papa Giacomo agora estava de pé, andando de um lado para o outro, a varinha firme nas mãos – Digamos que minha fortuna poderia ser consideravelmente maior se o senhor não existisse. Nada disso explica sua visita à minha casa hoje. Espera que eu acredite que o senhor foi tomado por uma súbita crise de remorso?

- Não... de modo algum... – tossiu. Os cabelos loiros estavam mais curtos, e um ralo cavanhaque preto se formava. Era o efeito da poção polissuco perdendo força – A motivação de minha visita é meramente profissional.

Ele precisou parar e recuperar o fôlego. O suor frio escorria por todo o corpo.

- Convenhamos, Papa Giacomo, que sua certeza quanto à segurança de seus negócios já não é a mesma que há uma hora. Compreendo que pode me transformar numa deliciosa iguaria para a Quimera a qualquer momento, mas isso não lhe seria proveitoso. Eu conheço falhas no seu sistema que você deseja ardentemente saber.

- Que quer dizer com isso?

- Eu quero vender essas informações. Vamos entrar num acordo que me deixe seguro, e eu possa te contar exatamente como fraudei seus negócios. Assim você poderá protegê-los melhor. Os estabelecimentos são apenas peixinhos. Têm muitos tubarões pela frente.

- Você sabe que este não é o modo de agir do Padrinho, não? Prefiro cortar seus membros, um por um, até forçá-lo a dizer. Depois emparedar cada pedaço em um casarão diferente de Emboscade. Menos a cabeça, que irá para a Galeira da Vergonha.

- Pode fazer isso, mas correrá o risco de não arrancar uma palavra de mim. O senhor é um homem sensato. Considere minha oferta. Ninguém saberá do que fiz, e sua reputação permanecerá intocada.

As pancadas no alçapão ficavam cada vez mais fortes.

- Por quê? – perguntou o Padrinho – Você invadiu os meus cofres, e se quisesse teria saqueado toda minha fortuna. E agora quer vender informações? Não faz sentido.

- Ah, não quero dinheiro.

- O que você quer, afinal?

- Bom... Será que poderíamos nos sentar como cavalheiros? Talvez tomar um chá e conversar melhor... Eu poderia fazer a cortesia de esquecer que usou um feitiço de tortura contra mim e me ameaçou com uma besta monstruosa. É um erro corriqueiro, muitos cometem. Não quero abusar de sua boa vontade, nem apressá-lo, mas minha visão está começando a escurecer...

- Vou dizer o que vai acontecer: você me dirá tudo o que quero saber, e depois será devorado.

- Uhn... Não parece vantajoso. Exijo uma revisão nos termos do acordo.

- Você é um mestre em poções, Lionheart. Não acredito que se esqueceu da forma mais eficaz de se interrogar alguém.

Num armário embutido do outro lado do corredor, embaixo das escadarias, Giacomo procurou entre vários frascos de vidro. Lionheart sentiu ânsia de vômito. O efeito da poção polissuco estava quase terminado, e restara um homem magro, de cabelos curtos negros, um cavanhaque bem definido e um par de brincos nas orelhas.

- Eis aqui. – o Padrinho ergueu um frasco que continha um líquido incolor – Sabe o que é isso, mestre Lionheart?

- Ah... – ele apertou a vista – Um *veritasserum*...

- Três gotas e até o Lorde das Trevas revelaria seus mais profundos segredos.

Com um gesto de varinha, rompeu a corrente que o prendia no teto. O corpo tombou com força sobre o alçapão. A criatura rugia cada vez mais furiosa, fazendo a madeira vibrar.

- Ah, obrigado. – disse Lionheart, tentando ficar sentado. Era impossível, pois além de ter os pés e mãos firmemente amarrados, eventualmente os golpes no alçapão o derrubavam – Sinto o sangue voltar a circular.

- Beba.

Debruçou-se sobre ele e forçou um gole. O líquido escorreu pelas laterais da boca.

4

Nada Além da Verdade

- Como se sente, mestre ladrão honesto?

- Dor na cabeça. Vista embaçada. Vontade de mijar. Vontade de lançar uma maldição *cruciatu*s em você.

- Finalmente uma resposta de fato sincera.

Lionheart respirou fundo, tentando se manter lúcido. O efeito do *veritasserum* incluía um estado hipnótico disperso.

- Qual é o seu nome verdadeiro?

- Ken Lionheart.

- Ora, ora, então era verdade. Senhor Ken, está desesperado ao pensar que será obrigado a dizer tudo o que lhe perguntar, sem mentir ou omitir?

- Não.

Papa Giacomo bufou.

- Não está desesperado?

- De modo algum, senhor.

- Por quê?

- Os melhores mentirosos podem mentir apenas dizendo a verdade.

- Está confiante demais. Deve se achar o mais talentoso dos bruxos.

- Sem dúvida.

Um rugido monstruoso que durou cinco segundos interrompeu o interrogatório.

- Está com medo de ser devorado pela criatura?

- Absolutamente.

O Padrinho sorriu.

- Então, senhor Lionheart, conte-me desde o início quais eram seus planos.

- Desde que larguei Hogwarts, no sexto ano, tenho dedicado minha existência a aplicar golpes. Digamos que eu tenha descoberto um talento peculiar para essas coisas. Atuei durante quase vinte anos. Juntei enormes fortunas, mas perdi tantas quantas, porque quando se escolhe essa vida, não é incomum nos metermos em terríveis enrascadas... Há quinze anos resolvi me concentrar num golpe derradeiro antes de minha aposentadoria.

- E esse golpe... seria contra mim?

- Sim.

- Você trabalha sozinho?

- Não. Pandora McLean é minha namorada e meu braço direito.

- Ela está envolvida neste golpe?

- Sim.

- Bom, chega de conversa. A coisa mais importante para eu saber é como você fraudou minha infalível hierarquia da máfia...

- Não.

- Como?

- Isso não é a coisa mais importante para você saber.

Giacomo, tentando manter a calma, sentou-se novamente na poltrona, agora na extremidade do corredor, e acendeu outro charuto. O dragão que se formou com a fumaça apenas batia as asas ao redor de sua cabeça.

- Qual é a coisa mais importante a saber nesse instante?

- Que o golpe está sendo bem sucedido.

- Ora! Você tinha dito que não era dinheiro que lhe interessava. O que então você está buscando?

- Um artefato que você guarda em seu cofre.

- Mas você entrou em meus cofres e não levou nada.

- Refiro-me ao cofre debaixo de sua mansão, guardado pela quimera.

O dragão de fumaça abriu a boca, furioso.

- Como sabe da existência deste cofre?

- Estive vigiando sua casa.

- Já estive em minha casa antes?

- Não.

- Então como esteve vigiando?

- Tive informantes.

- Pouquíssimas pessoas puseram os pés nesta ilha! Você nem sabe onde minha casa fica!

- Sei, sim. É uma ilha grega a cinquenta milhas de Santorini. Protegida com feitiços de isolamento e de proteção. É invisível de fora. Não se pode aparatar nela, e obviamente a lareira é vedada à rede de flu. O único jeito de entrar e sair é através de chaves de portal.

- Maldito seja...

- Papa Giacomo, estou observando o senhor há quinze anos. Estudando todo império que construiu. Eu sei muito mais coisa do que imagina.

- E o seu plano em estar aqui hoje, amarrado como uma isca para uma quimera... é roubar meu cofre bem debaixo do meu nariz?

- Precisamente.

Papa Giacomo explodiu numa gargalhada.

- O que pretendia fazer? Travar um duelo comigo?

- De modo algum. Não venço um duelo nem contra uma criança.

- Então qual era seu plano?

- Há algo interessante sobre os trouxas, Papa. Eles fazem uma coisa chamada “truque de mágica”. São movimentos que exigem destreza manual para causar o falso efeito de magia. E como eles fazem? O segredo é fazer a plateia olhar para um lugar, quando o truque está acontecendo em outro. Uma distração.

- O senhor está aqui me distraindo?

- Sim.

Apagou o charuto.

- Onde está sua namorada neste exato momento?

- Tentando arrombar o seu cofre.

- Está dizendo que ela está aqui, embaixo desse alçapão, nesse instante?

- Não.

- Ora... – ele começou a ficar nervoso – Mas você disse que ela estava aqui embaixo, no meu cofre, tentando arrombá-lo!

- Eu não disse isso.

- Onde ela está, então?

- Tentando arrombar o seu cofre.

- Então a que cofre o senhor está se referindo?

- O cofre da sua casa, protegido pela quimera chamada Jade.

- Como é possível, se ela não está aqui?

- Porque esta não é sua casa.

Ele ficou de boca aberta, estático, como se estivesse pescando alguma palavra no ar.

- Mentiroso!

- Naturalmente sou, mas no presente momento sou compulsoriamente sincero.

- Como pode essa não ser minha casa?

- Elfos domésticos. O ponto principal do plano. O senhor tem quatro deles em sua casa, não? Tínhamos certeza de que não permitiria a entrada de qualquer estranho em sua casa, mas também tínhamos certeza de que não lavaria as próprias cuecas.

- Elfos domésticos nunca trairiam seu senhor!

- É verdade, mas você não é o senhor deles. Há dez anos, quando finalmente tivemos acesso, mesmo que restrito, a Emboscade, o senhor comprou um elfo doméstico de uma bela e jovem comerciante, muito simpática, de cintilantes cabelos ruivos que muito me apetezem. Pois bem, aquele elfo era meu. Com o devido treinamento, ele pôde *se passar por seu*. Conhecendo os segredos de sua casa, e munido de uma boa dose de poção morto-vivo, ele sutilmente retirou os outros três, um por um, e nós substituímos por *nossos*. O senhor sabia, Papa Giacomo, que elfos domésticos também sofrem efeito da poção polissuco? Você não ia notar a diferença física.

- Então...

- Por dez anos, nossos elfos estiveram em sua casa. Descobriram sua rotina, descobriram o cofre. Quando entramos nos cofres de Gringotes e não encontramos o que procurávamos, soubemos que só podia estar neste. Minha amada Pan é perita em arrombamento, mas o elfos, para nosso infortúnio, não o são. Ela precisaria de um bom tempo para pessoalmente destravar os mecanismos e desfazer as magias de proteção. Desde então procuramos uma oportunidade. Foi então que traçamos o plano. Com a ajuda dos elfos, que se revezavam para que o senhor não notasse sua ausência, construímos uma réplica exata da casa noutra ilha. A arquitetura, toda a mobília, todos os detalhes. Não se impressione, tivemos dez anos só para isso. Inúmeros feitiços de proteção, como em sua casa original. Como a parte externa é envolta por uma névoa espessa, imaginamos que o senhor não notaria que estava em outro lugar. Estávamos certos.

- Então... Essa... é uma falsa casa?

- Oh, sim. Sabíamos que o senhor vigia regularmente Emboscade, inclusive sua casa, através dos gárgulas. A única maneira que encontramos de fazer com que o senhor não vigiasse sua casa era *acreditar estar pessoalmente nela*, mas para nos certificarmos que daria certo, o senhor precisaria de uma distração. Escolhemos, com base em sua agenda, um dia em que teria, digamos, um longo dia de relaxamento caseiro, e

substituímos as chaves de portal. Queríamos que tudo fosse impecável. A parte mais difícil, sem dúvida, foi encontrar uma quimera e transportá-la para cá... Ah, você não faz ideia. Precisaríamos de uma bela tarde e um tanto de chá para contar essa história, mas infelizmente não temos tempo.

Papa Giacomo tirou de dentro do roupão um relógio, que usava preso num colar de ouro. Ao abri-lo, podia ver pelo vidro a imagem captada pelos olhos de um gárgula num poste em Emboscade. Ao agitar o objeto, a imagem passava de um gárgula para outro, até ver o corredor de sua casa. Eles não estavam lá, e o alçapão estava aberto.

Papa Giacomo apontou a varinha para o peito de Lionheart, furioso.

- Eu vou matá-lo, seu verme!

- O senhor não vai me matar. – disse com tranquilidade – Suponho que tenha a pretensão de voltar para a casa. Não pode desaparecer aqui. O senhor nem mesmo sabe onde estamos. Há apenas uma chave de portal, e só eu sei onde está.

- Seu idiota! Eu posso fazê-lo dizer! Ainda está sob efeito do *veritasserum*!

- É verdade.

- Então diga! Onde estamos?

- Numa ilha perto de Tonga.

- Tonga? No Pacífico?

- Seus conhecimentos de geografia *não* me impressionam, Papa. Maldição, não consigo nem mesmo ser sarcástico sob efeito dessa coisa.

A varinha tremia na mão. Lionheart estava deitado, ainda muito bem amarrado. As pancadas de baixo para cima não cessavam.

- Então... – prosseguiu Giacomo – Onde está a chave de portal?

Ken Lionheart deu um sorriso.

- Fico feliz que tenha perguntado. Está bem aqui.

Esticou o pescoço e deu uma dentada firme no arco de ferro do cadeado que prendia o alçapão. Numa magia rodopiante, ambos desapareceram: Lionheart e o cadeado.

- Filho da...

O alçapão se escancarou e a monstruosa quimera pôs-se para fora.

5

Adieu

- Ken!

Pandora debruçou-se sobre ele e, com a varinha, fez as correntes se soltarem. Ken esfregou os pulsos e tornozelos, que estavam bem marcados. O cadeado estava no chão. Eles se beijaram.

- Tudo como planejado?

- Tirando uma sessão de tortura, uma pancada na cabeça, uma arcada dentária bamba por ter sido forçada a segurar uma chave de portal ativa, sim, tudo certo.

Estavam no corredor da verdadeira casa de Papa Giacomo. O alçapão estava aberto. Na escadaria, os elfos domésticos olhavam para os dois.

- Eles conseguiram fazer a Jade dormir?

- Sim, fizeram um ótimo trabalho com um caldeirão inteiro de poção mortovivo.

- Que bom.

- Escutem. – Pandora dirigiu-se aos elfos – Eu e Ken vamos partir. Agora vocês podem escolher. Se quiserem a liberdade, darei com uma de minhas luvas. Contudo, se preferirem, podem vir conosco.

- Iremos com os senhores a qualquer lugar. – responderam sem pestanejar.

Pandora sorriu. Ken ainda se alongava e massageava o pescoço.

- Você engordou, Pan.

- Como?

Ao ver a expressão perplexa de Pandora, Ken retratou-se:

- Sinto muito, ainda estou sob efeito do *veritasserum*.

- Ken, nós dois sabemos que as poções na estante daquela casa eram falsas.

- Oh... Nossa... É verdade. Tinha me esquecido disso. Bom, precisamos correr, pois há uma remota possibilidade de que Giacomo subjugue a criatura, encontre uma saída, atravesse metade do globo e entre aqui...

Pandora deu sorriso debochado.

- Ah, tudo bem, não nem uma remota possibilidade. Minha nossa, como somos sacanas. Mas vamos continuar. O cofre está...

- Totalmente aberto. – disse ela com orgulho.

Os dois desceram pelo alçapão. Uma espécie de masmorra larga e fétida, cheia de ossos das últimas refeições da Jade, que dormia no canto. Era um enorme híbrido com cabeça de leão, corpo de bode e rabo de dragão. A respiração pesada criava um fluxo de ar quente e vibrante. Ao lado, uma passagem com uma porta de ferro, agora aberta, dava num longo corredor de pedra. Havia mais três portas no caminho, todas abertas. Ken não deixou de notar uma cicatriz no pescoço de Pandora, como uma queimadura, provavelmente um acidente ao tentar desativar as armadilhas. Finalmente chegaram ao cofre: uma semiesfera cheia de artefatos, escudos, espadas, colares e ovos cristalizados de criaturas desconhecidas.

- É isto. – disse Pan.

Abriu um velho guarda-roupa de madeira, estava cheio de estatuetas, pedras raras e pequenas taças.

- Ele não fazia ideia do que tinha aqui. – Pan riu – Usou como um armário comum.

- Quinze anos para encontrar isto. – Ken suspirou – Finalmente. Finalmente. Acha mesmo que vai funcionar?

- Só tem um jeito de saber.

Então, primeiro Pandora, depois Lionheart e depois os quatro elfos entraram no guarda-roupa e nunca mais foram vistos neste mundo.